

O modernismo português e a poesia ortônima de Fernando Pessoa

Anny Querubina de Souza Barros

Eliana Cibeles Mesquita da Costa

Paloma Pereira Borba*

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

A finalidade deste trabalho é expor, um pouco, dos turbulentos acontecimentos em que o Portugal moderno estava “mergulhado” e constatar que, embora bastante influenciado por este contexto histórico da época, o poeta Fernando Pessoa soube, como ninguém, “libertar-se” e presentear a posteridade com uma lírica composta de diversas tendências estéticas.

Fernando Pessoa tinha menos de dois anos de idade quando Portugal sofreu uma das maiores humilhações de sua história, no episódio conhecido como *Ultimatum*, datado de 11 de janeiro de 1890. Nessa data, a Grã-Bretanha exigiu que Portugal retirasse imediatamente as tropas que mantinha na região do Xire, na África, caso contrário declararia guerra ao país. Apesar dos protestos populares e da onda de indignação, o governo português não teve alternativa senão obedecer. As implicações e desdobramentos desse momento histórico, que corresponde à adolescência e à juventude do poeta, de acordo com Carlos Felipe Moisés, “(...) repercutirão vivamente em sua obra”, mais especificamente no poema *Mensagem*, o qual será analisado posteriormente.

De um lado, faz-se necessário observar na belicosa arrogância inglesa um tipo de aviso, enviado não propriamente a Portugal, mas à Itália, à França e à Alemanha, potências que disputavam com a Inglaterra a hegemonia internacional. Tais disputas eram travadas devido à ganância imperialista da Inglaterra que se voltava para as ricas possessões que esses países detinham na África e no Oriente. De outro lado, o episódio acentua a ironia da situação. Entre 1415, início da expansão marítima portuguesa, e 1580, Portugal tinha constituído um dos maiores impérios do mundo, tornando-se uma nação poderosa e respeitada em toda a Europa. O *Ultimatum* inglês mostrou, portanto, que o país se reduzia a uma nação decadente e, conseqüentemente, fora do “jogo” de dominação no qual os países europeus se empenhavam.

Uma das conseqüências imediatas do episódio foi o acirramento das lutas antimonárquicas em Portugal, provada que estava a falência política e militar do antigo regime.

Ainda segundo Moisés (1996), “No início do século XIX os românticos, Garrett e Herculano à frente, já haviam tentado se insurgir; por volta de 1865, os realistas, liderados por Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, também lançaram-se contra os privilégios da realeza, mas foi preciso um *Ultimatum* vindo de fora para levar a revolta a seu ponto máximo e promover a queda da Monarquia”.

Apesar de vitorioso, o movimento republicano enfrentava, no parlamento, uma maioria monarquista cujos adeptos, em grande número, ao se darem conta da fragilidade do novo regime, passaram a lutar abertamente pela volta à Monarquia. Para se ter uma idéia do revanchismo reinante, basta lembrar que no dia 14 de dezembro de 1918 um fanático monarquista decidiu vingar a morte do rei D. Carlos, assassinando o então presidente da República, Sidônio Pais. Dois anos depois, Fernando Pessoa escreverá um

* Trabalho realizado para fins de avaliação da disciplina Literatura Portuguesa 4, sob a orientação do Professor José Rodrigues de Paiva.

longo poema de teor místico e sebastianista, afim dos que integram *Mensagem*, intitulado “À memória do presidente-rei Sidônio Pais”.

Diante do que já foi dito, fica evidente o quão dividido Portugal estava nessa época, mergulhado numa crise institucional sem precedentes. Em 1932, Antônio Salazar, foi chamado para assumir o cargo de presidente do ministério, foi quando ele deu forma ditatorial ao regime.

DO SAUDOSISMO À VANGUARDA

No início deste século, sob o estigma do *Ultimatum*, volta a voga o sebastianismo, só que somado a ele um clima de insegurança, pessimismo e marcas de um profundo sentimento saudosista. Como pode-se observar no seguinte fragmento da obra de (Moisés, 1996), “A maioria dos portugueses, muitos escritores em particular, deprimidos diante do Portugal de então, refugiam-se no passado, com o intuito de reviver as glórias que Camões, por exemplo, já exaltara em *Os Lusíadas*. Tal espírito encontrou seu porta-voz no poeta Teixeira de Pascoais, mentor intelectual de uma filosofia genuinamente portuguesa, o Saudosismo. Essa filosofia, espiritualista e de forte impregnação sebastianista, foi amplamente disseminada por meio de panfletos, conferências, artigos, e acabou assumindo a forma de movimento literário, cujo órgão oficial foi a revista *A Águia*, a qual circulou entre 1910 e 1932, sendo por ele dirigida até 1916.

Da referida revista passaram a fazer parte escritores de sua geração, como por exemplo, Sá-Carneiro, Almada Negreiros e outros, mais ousados e cosmopolitas que o grupo de Pascoais. Eles, juntamente com Fernando Pessoa, revolucionaram a cultura portuguesa com o lançamento de revista *Orpheu* em 1915, ou seja, em plena guerra. É a partir daí que, em termos literários, Portugal ingressa no século XX, recebendo influências das correntes vanguardistas. Principalmente do Futurismo, Cubismo, Surrealismo e Expressionismo.

O MODERNISMO PORTUGUÊS

O primeiro modernismo português, denominado de *orfismo*, está intimamente relacionado à profunda instabilidade pela qual passava o regime republicano. Ele nada mais é, do que a resposta artística de setores sociais mais inovadores das classes médias das cidades.

As correntes literárias modernistas organizaram-se, no país, em torno da revista *Orpheu*. Sua irreverência tinha como objetivo escandalizar o burguês, para tanto posicionava-se contra o provincianismo e a literatura estereotipada que constitui as escolas neo-simbolista e neo-romântica. No entanto, a revolução cultural que o grupo orfista tinha como objetivo instaurar, não teve o resultado esperado, ou seja, passaram quase desconhecidos do grande público. Suas revistas tiveram “vida” curta e, em consequência disso, a maior parte da obra de Fernando Pessoa só foi publicada 10 anos após sua morte.

Os modernistas portugueses não possuíam um programa estético-literário, acredita-se que os modernistas brasileiros também careciam desse tipo de organização. Ambos pretendiam derrubar as manifestações artísticas atuais através do escândalo, no entanto, continuavam impregnados de uma religiosidade esotérica proveniente do decadentismo-simbolismo.

De acordo com Abdala júnior e Pascholin (1990), “O cosmopolitismo do Modernismo português opôs-se ao nacionalismo estreito de caráter neo-simbolista que

procurava realçar o pitoresco regional. Ficaram, não obstante, a meio caminho: se conseguiram desprender-se do neo-simbolismo regionalista, muitos enveredaram por um neo-simbolismo esotérico e elitista”.

FERNANDO PESSOA: breve biografia e poesia ortônima

Fernando Antônio Nogueira de Seabra Pessoa, nasceu em Lisboa, no dia 13/06/1888. Ficou órfão de pai antes dos 6 (seis) anos de idade e, logo em seguida, tornou-se filho único devido à perda do seu irmão. Sua mãe casou-se novamente com um comandante que foi nomeado cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul, parte do império britânico.

O futuro autor viverá na África dos 7 aos 17 anos - fase decisiva, destinada a marcá-lo para o resto da vida. Foi em Durban que Pessoa adquiriu sua base literária: Milton, Shelley, Keats, Shakespeare, Pope e outros, além de uma consistente base em cultura clássica.

A produção literária de Fernando Pessoa, pela sua profundidade e originalidade, é uma das criações poéticas mais importantes da literatura de língua portuguesa e mesmo da universal. Através das suas “máscaras”, liberta as múltiplas vozes que coexistem dentro de si, dando vazão aos seus questionamentos e conflitos e presenteando-nos com uma obra tão rica em beleza e sensualidade.

Em sua poética, não se sabe onde termina o fingimento e começa a sinceridade ou vice-versa, uma vez que na própria poesia ortônima, Pessoa deslumbra: “O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.”. E os heterônimos, evidentemente, são também “faces” fabricadas, individualidades distintas. Segundo Seabra (1988), “Eis o ortônimo “ele mesmo” volvido heterônimo: máscara por sua vez de máscaras, numa reversibilidade infinita.”. Mas, a “verdade” contida ou não na poesia de Fernando Pessoa - cujo nome por coincidência evoca os seus outros “eus” - não constitui a “pedra fundamental” para a análise e compreensão de sua obra. Antes o que a sua poética traz de emoção, de riqueza estética, de contribuição comovida para a Língua Portuguesa. O seu lirismo de uma razão emocionada (“O que em mim sente ‘Stá pensando’”) e de uma consciência inconsciente tornou-se a base para a poesia de inúmeros autores modernos.

A obra ortônima de Fernando Pessoa evoluiu de uma fase experimental, em que procurou desenvolver tendências modernistas como o sensacionalismo, o paulismo e o interseccionismo, para uma fase mais livre, na qual se encontram características da produção lírica de Portugal desde a Idade Média. Desta evolução, surgiram os poemas do “Cancioneiro”.

O Fernando Pessoa “ele mesmo” é o cantor da solidão, do sonho, da ilusão, sentimentos que perpassam também os heterônimos, como forma de evasão, frente à amarga realidade. Seguem-se abaixo a análise (ou tentativa) de alguns poemas do Cancioneiro:

O sono – Oh, ilusão – o sono? Quem
Logrará esse vácuo ao qual aspira
A alma esse vácuo ao qual aspira
E já nem força para querer tem?

Ilusão tudo! Querer um sono eterno,
Um último descanso, uma paz, não é senão
O último anseio desesperado e vão.

Que sono apeteçemos? O d’alguém
Adormecido na feliz mentira
Da sonolência vaga que nos tira

Perdido, resta o derradeiro inferno
Do tédio intermínio, esse de já não
Nem aspirar a ter aspiração.

Todo o sentir no qual a dor nos vem?

O soneto evoca a angústia metafísica do poeta, a desilusão de quem já não acredita na vida, do cético que procura desesperadamente um porto seguro - o sono.

Na primeira estrofe, há o reconhecimento de que o sono é apenas uma ilusão e de que a alma já não tem mais forças nem mesmo para desejar este alívio, este estado de inércia. Em tom interrogativo, a tônica é a do *cansaço* de quem aspira ao impossível.

Na segunda estrofe, o poeta prossegue com os questionamentos, deixando entrever que a sensação de estar adormecido impossibilita o sofrimento, mas este sono é improvável, é uma mentira. Retomando a primeira estrofe, o *desalento* se intensifica.

Os versos seguintes já não trazem interrogações, mas sim afirmações, representam a constatação triste e desolada de que esse espaço imaginário - do sono eterno - não existe, é somente um engano, um desejo inútil da alma humana. Resta, assim, conformar-se com a infeliz realidade, com o “inferno” de nem sequer ter o direito de sonhar (“Nem aspirar a ter aspiração”).

Esta busca da eternidade e o desespero de nunca alcançá-la são marcantes na obra Pessoaana.

“Qualquer Música”

Qualquer música, ah, qualquer
Logo que me tire da alma
Esta incerteza que quer
Qualquer impossível calma!

Qualquer música – guitarra,
Viola, harmônio, realejo...
Um canto que desgarra...
Um sonho em que nada vejo...

Qualquer coisa que não a vida!
Jota, fado, a confusão
Da última dança vivida...
Que eu não sinta o coração!

O refúgio do sujeito poético é agora a música, de qualquer tipo, tocada por qualquer instrumento, desde que o faça sonhar, que o liberte da vida. A sua alma é só incertezas, o seu coração está angustiado e não há quem o acalme. A solução é o esquecimento da limitação do homem pela música.

Esta imensa insatisfação perante a vida e a condição humana sentida pelo poeta é semelhante a do seu grande amigo Mário de Sá-Carneiro, porém, com uma diferença importante: Fernando Pessoa conseguiu dissociar criador de criatura, tornando a sua obra autônoma.

Vaga, no azul amplo solta,
Vai uma nuvem errando.
O meu passado não volta.
Não é o que estou chorando.

O que choro é diferente.
Entra mais na alma da alma.

Mas como, no céu sem gente,
A nuvem flutua calma.

E isto lembra uma tristeza
E a lembrança é que entristece,
Dou à saudade a riqueza
De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora
Na minha amarga ansiedade
Mais alto que a nuvem mora,
Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto
À alma que saiba bem.
Visto da dor com que minto
Dor que a minha alma tem.

A idéia de vaguidão, de transcendência permeia todo o poema, uma vez que o sentimento da “voz” poética é inominável, indescritível, está para além do definível. Tal emoção é comparada a uma nuvem, símbolo do não palpável e do distanciamento. No canto triste do poeta, o motivo do “choro” não é a saudade do passado - paraíso perdido - é algo mais profundo, daí o fracionamento da palavra “alma” (“(...) entra mais na alma da alma (...)”). Chora-se a lembrança de uma tristeza, porém não é a saudade que atormenta, mas outra sensação que a transcende “Mais alto que a nuvem mora”.

Nos versos finais, percebe-se a dialética sinceridade-fingimento, tão presente na poesia de Fernando Pessoa, quando este afirma: “Visto da dor com que minto / dor que a minha alma tem”.

Não sei se é sonho, se realidade,
Se uma mistura de sonho e vida,
Aquele terra de suavidade
Que na ilha extrema do sul se ouvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri.

Mas já sonhada se desvirtua,
Só de pensá-la cansou pensar,
Sob os Palmares, à luz da lua,
Sente-se frio de haver luar.
Ah, nessa terra também, também
O mal não cessa, não dura o bem.

Talvez palmares inexistentes,
Áreas longínquas sem poder ser,
Sombra ou sossego dêem aos crentes
De que essa terra se pode ter.
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez,
Naquela terra, daquela vez.

Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmeiras de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.
É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorrir.

O profundo pessimismo que envolve a obra pessoana é, por vezes, amenizado por alguma “luz”, alguma miragem de contentamento, como acontece neste poema, em que o poeta entrevê uma paisagem, uma terra ideal onde “A vida é jovem e o amor sorri”.

No entanto, isto é apenas um momento, um lapso de esperança, já que paisagem só traz felicidade quando imaginada pela primeira vez. Assim, logo o sonho desmorona

- a terra perde o encanto - e o poeta retorna à sua tão característica desilusão: “Ah, nessa terra também, também / o mal não cessa, não dura o bem”.

Por fim, o sujeito poético celebra a “verdade”, a sua “fome de absoluto”, como diria Maria Vitalina Leal de Matos. Entretanto, tal essência não se encontra em nenhuma paisagem, sonhada ou real, mas sim oculta no íntimo do ser humano (“É ali, ali /, Que a vida é jovem e o amor sorri”, frase que evoca o “Carpe Diem”).

Quanto à estrutura, pode-se ressaltar que a musicalidade obtida através das rimas e das repetições faz lembrar as trovas medievais.

No início do poema, tem-se a impressão de que o poeta anseia por uma terra sob a forma de espaço físico onde houvesse a suavidade da juventude (melhor fase da vida) e o amor predominasse. Mas, ao final da poesia, percebe-se que a “terra” é uma metáfora, seria um espaço espiritual, no qual haveria o bem estar, a vontade de viver.

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão
Êsse comboio de corda
Que se chama o coração.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que êle teve,
Mas só a que êles não têm.

ISTO

DIZEM que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sôbre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

A análise destes poemas é feita vinculada, pois, o segundo trata-se de um desdobramento do primeiro.

No primeiro poema, intitulado “Autopsicografia”, Fernando Pessoa escreve um dos versos pelos quais ficaria eternizado na literatura mundial: “O poeta é um fingidor (...)”.

No início do poema, apresenta-se a concepção de criação do poeta, é o fazer uso da emoção, do sentimento, para “tocar” quem lê; o que se retrata é a relação poeta/leitor. A importância do que se escreve, principalmente na poesia, não está na verossimilhança dos fatos, e sim nas sensações que estes despertam; por isso, no último quarteto o poeta afirma que o coração termina por entreter a razão.

Já em “Isto”, o que se pode observar é uma resposta do poeta aos leitores. Sabe-se que após a publicação de “Autopsicografia” parte do público rejeitou essa postura do poeta, contudo, já Alberto Caeiro “pensa” com os sentidos, Álvaro de Campos com a emoção e Ricardo Reis com a razão, o poeta ortônimo Fernando Pessoa “pensa” com a imaginação, o que permite que ele seja quem desejar, ou “sinta” e crie como quiser a sua poesia. Por este motivo, no primeiro quinteto do poema, ele justifica as afirmações feitas em “Autopsicografia” e responde às críticas acerca de sua obra.

No segundo quinteto, transparece a eterna busca do poeta pela perfeição, a beleza inatingível, a que está por vir.

Para terminar, o poeta diz que seu processo de criação é livre, e quanto ao pensamento do leitor, ele resume em uma frase: “Sentir? Sinta quem lê!”.

“Mensagem”

O poema “*Mensagem*” celebra a glorificação de Portugal, nação transformada em Império, que agregaria todas as línguas, todas as culturas, todos os povos. O poeta tinha a missão universal de fornecer uma contribuição à humanidade. A tônica desta poesia, ao contrário das demais de Fernando Pessoa, é a esperança, o sonho do futuro. Portugal, apesar de toda a decadência, tinha um destino a cumprir e este era de grande valor para o mundo.

Segundo uma interpretação diferente das trocas de Bandarra feita por Pessoa, o primeiro Império espiritual foi o da Grécia, o segundo o de Roma, o terceiro o da Cristandade, o quarto o da Europa Renascentista e o quinto - sonho utópico - seria o de Portugal. De acordo com Seabra (1988), “(...) a visão Pessoaana do Quinto Império, enquanto “Império Espiritual” se consubstancia no que chama um “imperialismo da cultura”, o qual atinge a sua expressão mais sublimada num “imperialismo de gramáticos” e num “imperialismo de poetas”, universais por excelência (...)”. Somente o Portugal futuro, assim como a Grécia passada, teriam recebido dos deuses a honra de “serem todas as outras nações”, afirma Fernando Pessoa.

“*Mensagem*”, pela temática e pelo tom épico, mantém uma forte relação intertextual com “*Os Lusíadas*” de Camões (e o próprio Pessoa pretendia ser o Supra-Camões). Entretanto, há que se ressaltar que a maneira de narrar dos dois poetas é distinta, uma vez que Camões relata eventos históricos, prevendo a autonomia destes, enquanto Pessoa cria símbolos a partir desta mesma realidade histórica para fazer reflexões de ordem subjetiva a respeito do futuro e do ser humano; para exaltar Portugal como promessa e esperança. É um poema que une os três gêneros: o épico, o dramático e o lírico (este com a predominância).

Nos primeiros versos de “*Mensagem*”, Fernando Pessoa já evoca o ciclo profético dos cinco Impérios:

Primeira Parte / Brasão

I. Os Campos

Primeiro / os castelos

A Europa jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello, esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquelle diz Italia onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.
Fita, com olhar Sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.
O rosto com que fita é Portugal.

A Europa, o quarto Império, fita “O Ocidente, futuro do passado” ainda com “olhos gregos”, relembrando o esplendor da Grécia (primeiro Império). Portugal - o rosto da Europa - geograficamente voltado para o mar, fita o seu próprio amanhã”, já que sonha ser o Quinto Império tão esperado.

Os Castellos

II. Primeiro / Ulysses

O MYTHO é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecunda-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos creou.

O primeiro verso desse poema é de crucial importância para a identificação da diferente significação dos heróis da obra de Fernando Pessoa em relação à de Camões: “O mito é o nada que é tudo” ao fazer esta afirmação, o poeta “desmonta” a imagem do mito, do infalível, sem defeitos, ele lembra que as coisas (aos olhos de algumas pessoas) valem o que representam, e não o que realmente são. O mito faz-se presente muito mais por um aspecto superficial (visual, estético, simbólico).

No caso específico de Ulysses, há uma lenda em Portugal que conta que ele, ao aportar em território português, fundou a cidade de Lisboa, ao que se refere o poeta no segundo quinteto. Este afirma que a imagem criou-se sem ao menos ter-se a certeza de que um dia existiu, e assim, na última parte, vê-se que o limite que separa o mítico do real é muito tênue, e que realidade e fantasia acabam se fundindo e se confundindo.

Segunda parte / Mar Portuguese

I. O Infante

Deus Quere, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Nos primeiros versos da Segunda Parte com o título “O Infante”, é notável o nacionalismo místico que envolve toda a obra, quando o poeta sonha com um futuro edificante: Deus criou o mar, e este era Português, quis que a terra fosse apenas uma - Portugal encarnaria “todas as nações”, através das conquistas marítimas, - só faltava o destino cumprir-se - o Império espiritual dos grandes feitos portugueses (afinal, o antigo Império baseado no poder já estava desfeito).

PRECE

SENHOR, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.
Mas a chama, que a vida em nós creou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento não pode erguei-a ainda.

Dá o sopro, a araem, - ou desgraça ou ancia -,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância -
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Neste poema é perceptível o quão conflituosa era a alma do poeta estudado; alma que, por vezes, chegava a ser controversa: ora mostrava-se pessimista, fatalista; ora mostrava-se cheia de perspectivas, pois acreditava que Portugal iria reerguer-se das cinzas.

Em “Prece” vislumbra-se a porção nacionalista, saudosista de Pessoa, que Fora influenciado por publicações como *A Águia*.

A primeira estrofe representa as dificuldades vividas pelo povo português, em que o poeta lamenta a sorte de seu país; já na segunda estrofe apresenta-se otimista, renovando a confiança no povo português, mostrando que a nação pode dar a volta por cima.

Na última estrofe, contata-se a esperança de redenção de Portugal e de que a nação volte a ser uma grande potência: “E outra vez conquistemos a Distância - Do mar ou outra, mas que seja nossa!” (referência ao episódio do ultimato inglês).

Terceira Parte

Os avisos

Primeiro / O Bandarra

Sonhava, anonymo e disperso,
O Império por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo

Não foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com seu sinal
Este, cujo coração foi
Não portuguez mas Portugal.

No século XVI, no reinado de D. João III, dá-se o aparecimento de uma figura profética, um sapateiro de Trancoso - cujas trovas tornaram-se populares.

Bandarra era um cristão-velho, leitor intuitivo de textos bíblicos, cuja mensagem profética é a mesma encontrada no poema de Pessoa. Suas trovas tiveram a censura do Santo Ofício e como foram produzidas antes da morte de D. Sebastião, logo o “Encoberto” seria interpretado como este Rei tão esperado, e surgiria o Sebastianismo evocado por tantos escritores (Padre Antônio Vieira, Camões, etc.) até influenciar Fernando Pessoa.

Os Tempos Quinto / Nevoeiro

Nem Rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil ser
Este fulgor baço da terra

Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.

Que é Portugal a entristecer -
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o foo-fatuo encerra.

(Que ancia distante perto chora?)
Tudo e incerto e derradeiro.
Tudo e disperso, nada e Inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

Ao final do poema, entretanto, o ufanismo volve-se em desencanto, a exemplo do que sucede em *Os Lusíadas* pela voz do velho do Restelo. Mas, o diferencial é que Pessoa reage à desilusão e proclama a sua *Mensagem*, através desta pequena frase “É a Hora”, conclamando os homens à “febre de além” como diz Sônia Pietro, em seu ensaio nº 5, 1995 em “Estudos Portugueses”.

Vaie a pena destacar, para fins de reflexão, o brilhante comentário feito por José Augusto Seabra sobre estes últimos versos:

“Eis a profecia de que o poeta nos deixa suspensos. Tentemo-la nós des-velar, o des-ocultar, mas não com apressados e imediatos sentidos. Que ela fique a pairar poeticamente, feita de luz e trevas. “Tão certo é - lembra Pessoa - o que se diz em certo passo secreto - que a melhor luz que temos neste mundo não é mais que treva visível”.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa transformou-se num emocionante “passeio” pela obra deste grande gênio da literatura universal.

Ao longo dela, foi possível observar a enorme complexidade de fatores que se fazem presentes nos poemas de Fernando Pessoa. Foram expostas as abordagens adotadas por estudiosos tradicionais e, em seguida, foram apresentadas as análises, algumas formuladas com base nos trabalhos dos já citados escritores. No entanto, foge ao escopo desta pesquisa, uma análise completa das múltiplas tendências que constituem a poética do ortônimo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida (1990). *História Social da Literatura Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Ática.
- ESTUDOS PORTUGUESES (1995). Recife, nº 5, p. 1-206, jan/dez.
- LUFT, Celso Pedro (1973). *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre: Globo.
- MOISÉS, Carlos Felipe (1996). *Roteiro de Leitura: Mensagem de Fernando Pessoa*. São Paulo: Ática.
- MOISÉS, Massaud (1998). *A literatura portuguesa através dos textos*. 26. ed. São Paulo: Cultrix.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem* À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais / Quinto Império / Cancioneiro. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- PESSOA, Fernando (1988). *Os melhores poemas de Fernando Pessoa* / seleção de Tereza Rita Lopes. 4. ed. São Paulo: Global.
- SEABRA, José Augusto (1988). *O Heterotexto Pessoa*. São Paulo: Perspectiva.
- SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar (1979). *História da Literatura Portuguesa*. 11.ed. Coimbra: Porto.